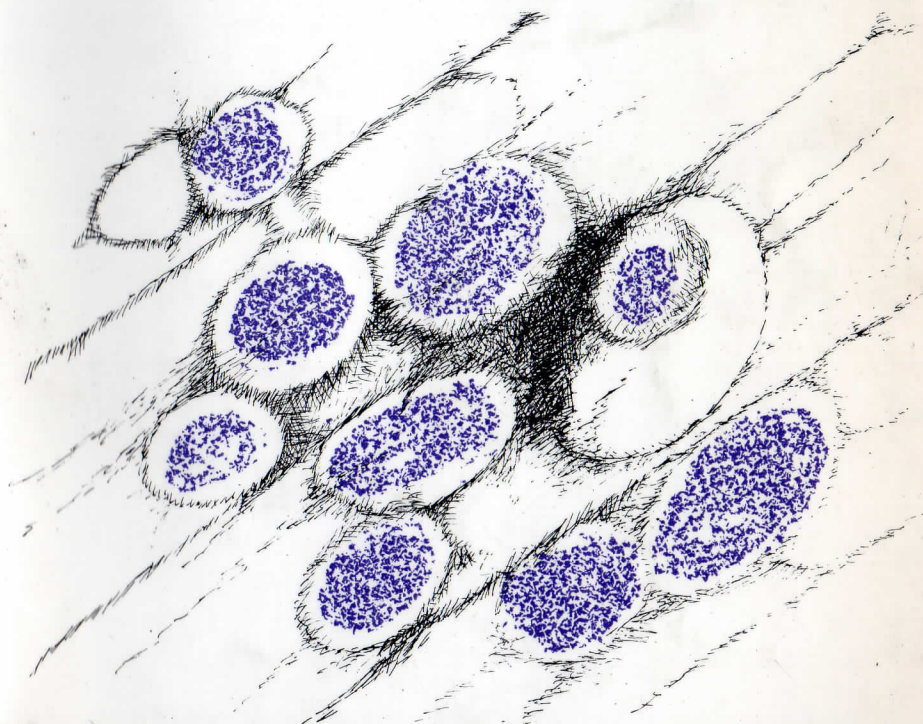




Maria Aparecida Cória-Sabini

PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO



Temas Básicos de Educação e Ensino

6.2. Os teóricos do ego

Comparativamente ao número de investigações sobre o id e o superego, Freud explorou muito pouco o funcionamento do ego. Foi apenas no período imediatamente anterior à sua morte que ele começou a dar importância a alguns aspectos do ego no funcionamento da personalidade. Dentro da perspectiva psicanalítica do desenvolvimento, a ênfase maior está nos cinco primeiros anos de vida de uma criança e na modificação que ocorre, nesse período, na expressão dos instintos, biologicamente determinados.

Os teóricos do ego deram maior destaque aos processos que ocorrem durante o período da latência e da fase genital. Para eles, o período que vai desde o nascimento até a puberdade é preenchido não apenas pelo desenvolvimento sexual mas também pela exploração do mundo exterior, pela manipulação de objetos e pela interação social. Essas atividades são significativas para o desenvolvimento das funções do ego, que não se restringe à satisfação do id e ao teste da realidade, mas envolve também o desenvolvimento da motivação de competência.

Erikson, um dos expoentes desse grupo, propõe uma reformulação das tarefas do ego. Segundo ele, a personalidade é determinada basicamente por três processos: biológico, social e organizacional.

O processo biológico é responsável pela organização hierárquica dos sistemas orgânicos e pelo desenvolvimento do seu ciclo vital.

O processo social é responsável pela distribuição dos indivíduos em grupos, geográfica, histórica e culturalmente determinados.

Para que um recém-nascido se torne um "homem civilizado", ao longo dos anos ele deve se envolver em uma série de interações sociais e ajustar suas necessidades às exigências dos grupos a que pertence. A natureza dessas acomodações varia muito de uma cultura para outra. As necessidades e a imaturidade do recém-nascido determinam o limite extremo da variabilidade cultural. Nenhuma cultura admite que um bebê morra de fome ou exija dele coisas que seu organismo não possa fazer ou receber. No entanto, dentro de uma certa amplitude, há grande variabilidade no estilo das práticas educativas. Esse estilo vai determinar uma série de características da personalidade adulta.

No começo da vida a criança interage com poucos adultos, apenas com aqueles que satisfazem às suas necessidades biológicas e eliminam suas tensões. Geralmente, essas pessoas são os pais. À medida que se desenvolve, ampliam-se as suas habilidades sociais e o número de pessoas com quem interage. O resultado disso é a aquisição de uma série de características. Essas características são semelhantes em todos os indivíduos de uma mesma cultura e formam, no indivíduo adulto, aquilo que é chamado de "personalidade social".

O fato de perceber-se como portador de características semelhantes aos membros do mesmo grupo dá ao indivíduo segurança e sentido de pertinência.

O processo organizacional (também chamado processo do ego) é responsável pela estruturação das experiências individuais, bem como pela qualidade da interação estabelecida com as pessoas e instituições sociais. Embora todo ser humano nasça com a necessidade de organizar suas experiências num sistema de conjunto, cada um dá uma direção a essa organização. Cada pessoa percebe o mundo de uma forma diferente e responderá ao meio ambiente de acordo com essa percepção. Nunca há duas pessoas iguais. Dois gêmeos que residem no mesmo lar não terão personalidade igual. Embora a dimensão biológica e a social possam ser equivalentes, cada um perceberá e reagirá à estimulação do meio de forma única, o que leva ao desenvolvimento de uma personalidade singular.

Cada um desses três processos (biológico, social e organizacional) tem seus próprios sinais de alarme. A dor é uma advertência dos perigos de uma disfunção orgânica que põe em risco a integridade do indivíduo enquanto ser biológico. O pânico é o sinal da perda da identidade grupal. A ansiedade significa um enfraquecimento do domínio do ego e a provável desestruturação do mesmo.

Esses três processos interagem de tal forma que qualquer mudança em um provocará modificações em todos. Assim, embora os três sinais de perigo se originem de fontes diferentes, a presença de um deles representa uma ameaça ao equilíbrio da personalidade.

Quando esses três sistemas estão perfeitamente coordenados, o resultado será uma pessoa emocionalmente equilibrada.

“Uma personalidade saudável domina ativamente o seu meio, demonstra possuir uma certa unidade de personalidade e é capaz de perceber corretamente o mundo e a ela própria.”¹

Esse equilíbrio está relacionado com o desenvolvimento físico, social e cognitivo. A personalidade, portanto, desenvolve-se numa escala de prontidão para adaptar-se às várias exigências do meio. Nessa evolução, o indivíduo desenvolve uma necessidade de sentir-se especial e único dentro do seu próprio ambiente, ao mesmo tempo em que mantém uma solidariedade com os ideais de um grupo. Esse desenvolvimento, por sua vez, apóia-se na maturação orgânica, que faz com que o indivíduo seja impelido para interações cada vez mais amplas.

6.2.1. O desenvolvimento da personalidade

Como já dissemos, Erikson enfatiza que o ser humano tem necessidade de organizar suas experiências num sistema de conjunto. A personalidade evolui em decorrência da necessidade de o ego manter sua integridade diante dos vários desafios ambientais. Isso exige o estabelecimento de uma série de equilíbrios entre os vários componentes da personalidade. Esses equilíbrios caracterizam as etapas do desenvolvimento da personalidade. Erikson propôs oito etapas nesse desenvolvimento, que ele caracterizou como “as oito idades do homem.”²

Cada etapa representa uma crise no núcleo do ego que, uma vez resolvida, conduz à mudança e à ampliação na perspectiva interpessoal. A palavra “crise” designa um ponto crítico no desenvolvimento do indivíduo, e não uma ameaça de catástrofe. Assim, a dicotomia confiança *versus* desconfiança é a crise que caracteriza a primeira fase — oral-sensorial. A segunda fase — muscular-anal — é caracterizada pela dicotomia autonomia *versus* dúvida, vergonha. A terceira — locomotor-genital — por iniciativa *versus* culpa. A quarta — latência — por produtividade *versus* inferioridade. A quinta fase — puberdade e adolescência — se caracteriza pela crise de identidade *versus* confusão de papéis. A sexta — idade adulta jovem — é caracterizada pela crise

de intimidade *versus* isolamento. A sétima — idade adulta — por ser gerativo *versus* estar estagnado. Finalmente, na oitava — maturidade — os conflitos giram em torno da integridade do ego *versus* desesperança.

Cada etapa depende da outra. Dessa forma, variáveis culturais podem acelerar ou retardar o aparecimento de uma determinada etapa, mas não podem modificar a sua seqüência.

● Primeiro estágio: oral-sensorial (confiança *versus* desconfiança)

O estabelecimento de padrões duráveis para o conflito confiança *versus* desconfiança é a primeira tarefa do ego.

O sentimento de confiança consiste em uma segurança íntima na conduta dos outros, bem como em si mesmo.

O desenvolvimento da confiança depende basicamente dos cuidados maternos. Não depende da quantidade de alimentos ou de demonstrações de amor, mas da qualidade da interação mãe-criança.

O grau de maturidade e de equilíbrio emocional da mãe, a sua aceitação da gravidez, a atitude dela e da comunidade em relação ao ato de amamentar e de criar, são fatores que interferem no relacionamento mãe-criança e, conseqüentemente, no desenvolvimento sadio do bebê. Não deve haver atrasos na alimentação ou no alívio da tensão causada por fraldas sujas. O bebê não deve ser fisicamente ou cronicamente perturbado com mudanças ambientais bruscas, tais como sons muito altos, luzes muito intensas, perturbação e interrupção brusca do sono etc. A presença constante desses fatores desorienta a criança e causa uma certa ansiedade por aquilo que possa lhe acontecer.

Nos seus primeiros contatos com o mundo, o bebê deve adquirir confiança nas pessoas que o cercam e receptividade ao que lhe é dado. O organismo instável do recém-nascido adquire essa confiança e essa receptividade pela coordenação de suas necessidades com os métodos e horários que são usados para treiná-lo. Ele aprende a sentir prazer ao ser pegado no colo, ao ser embalado com cantigas de ninar e quando as pessoas falam com ele com carinho. Disso resulta o desenvolvimento de uma identificação da criança com a mãe que é a base para o “aprender a ser”.

Com o aparecimento da dentição, desenvolvem-se novos padrões de comportamento. A criança sente prazer em morder coisas duras, em cerrar os dentes, em dilacerar ou rasgar coisas com os dentes. Há um aumento de sua capacidade de exploração e a sua atividade de incorporação torna-se mais ativa e dirigida. Ela começa a acompanhar objetos com o olhar, a agarrar coisas que estão ao seu alcance, a distinguir sons procurando suas origens, a mudar de posição rolando no berço etc.

¹ Erikson, E.H. *Identidade - Juventude e Crise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, p. 91.

² Erikson, E.H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, p. 227.

Nessa fase ocorre: 1) a ampliação da capacidade incorporadora, que passa a incluir a exploração e a observação mais ativas; 2) o desenvolvimento de um novo tipo de tensão associada à dor e ao desconforto causados pelo aparecimento dos dentes; 3) a aquisição da consciência de si mesmo como objeto distinto dos demais; 4) uma ampliação do universo social, com a mudança de hábitos alimentares e relacionamento com maior número de pessoas.

A primeira tarefa do ego consiste, portanto, em aceitar a diminuição dos contatos com a mãe, como consequência do desmame e da ampliação dos hábitos alimentares, sem ansiedade ou raiva. Consiste, ainda, em desenvolver uma certeza interior de que suas necessidades serão satisfeitas e uma atitude receptiva com relação às outras pessoas.

Nesse período inicial, se as frustrações forem constantes e intensas e não forem posteriormente compensadas, poderão ocorrer distúrbios nas relações do indivíduo com o mundo em geral e com as pessoas que lhe são mais significativas. Ele desenvolverá uma atitude de frieza ou hostilidade em relação às demais pessoas, como forma de defesa a prováveis frustrações.

• *Segundo estágio: muscular-anal (autonomia versus dúvida, vergonha)*

Esse estágio ocupa o mesmo lapso de tempo da fase anal descrita por Freud, ou seja, aproximadamente dos 18 meses aos 3 anos de idade.

Para Erikson, o elemento fundamental dessa etapa é a maneira pela qual o ego processa o treino para controle das funções excretoras, e não um instinto específico do id, como acreditava Freud.

O treino intestinal e vesical é o item mais perturbador e polêmico da educação infantil. Na civilização ocidental, especialmente na classe média, esse treinamento é levado muito a sério. O ideal a ser atingido é um intestino funcionando sem falhas, pontual e desodorizado. Assim, o ser humano deve converter-se numa máquina bem-regulada. Isso ocorre gradualmente e com muita força de vontade.

A criança quer ter o controle autônomo de suas funções excretoras para agradar seus pais. Contudo, esse controle é ainda muito precário e em várias ocasiões ela se sente inferiorizada por sua incapacidade em dominar tais funções.

Toda essa fase se converte em uma batalha pela autonomia, que se manifesta de diferentes maneiras. A criança começa a se manter ereta, apoiando-se mais firmemente no chão, aprende a delinear seu mundo usando termos tais como "eu", "meu" etc., como também a tomar decisões, embora seja bastante maleável. Ela se dedica a reunir coisas,

como, por exemplo, juntar ou empilhar seus brinquedos para depois jogá-los pela janela ou derrubá-los, só pelo prazer de impor a sua vontade.

Para o desenvolvimento da autonomia, a criança deve fazer coisas por si mesma, explorar, tomar iniciativa etc., sentindo que os pais existem para protegê-la, e não para cerceá-la ou castigá-la.

Se o controle dos pais, nessa época, for muito rígido, com constantes humilhações pelo descontrole intestinal e vesical e com um cerceamento constante da iniciativa e da atividade exploratória, trará como consequência a perda do autocontrole, com uma completa dependência do mundo exterior e uma propensão duradoura para a dúvida e a vergonha.

• *Terceiro estágio: locomotor-genital (iniciativa versus culpa)*

A criança, convencida de que é alguém e de que pode decidir livremente o que quer fazer, deverá descobrir agora o tipo de pessoa que poderá vir a ser. Ela está ainda identificada com seus pais, que lhe parecem belos, heróicos e poderosos, embora algumas vezes se mostrem intolerantes e intransigentes.

O caminhar torna-se mais vigoroso e, com isso, a criança pode aumentar o seu raio de ação física e social. Seu vocabulário se amplia e sua linguagem se aperfeiçoa, permitindo assim o estabelecimento de diálogos com os adultos. É a idade das perguntas. A criança pergunta incessantemente sobre tudo e quer estabelecer relações causais, embora na maioria das vezes estabeleça noções inteiramente errôneas. Como consequência do aperfeiçoamento da linguagem, sua imaginação se amplia. Ela passa a fazer jogos simbólicos, a imaginar coisas (chegando, algumas vezes, a se assustar com o que imagina). Nesses brinquedos ela imita os desempenhos dos adultos naquelas funções que imagina que um dia, no futuro, irá desenvolver (brinca de casinha ou de escolinha, desempenhando os papéis de "papai", "mamãe", "professor" etc).

Além da curiosidade e da preocupação em entender as causas das coisas, a criança dessa fase mostra também um excessivo interesse por questões sexuais. Esse grau de interesse levou os teóricos da sexualidade infantil a denominar essa fase de "fase fálica".

As crianças descobrem que a estimulação dos órgãos sexuais produz sensação de prazer. Comumente, nessa fase, elas tocam ou manipulam com frequência seus órgãos, como também fazem brincadeiras sexuais em grupo.

A criança quer entender as diferenças existentes na anatomia do homem e da mulher e isso a leva a querer observar os adultos,

especialmente os elementos do sexo oposto. Há também grande curiosidade a respeito da origem dos bebês.

Muitos pais reprimem o interesse e a curiosidade sexual de seus filhos com castigos ou ameaças de castração. Repreendem-nos violentamente quando os descobrem se masturbando ou correndo nus pela casa.

A punição pode levar a um sentimento de culpa que pode se constituir numa fonte de conflitos entre sensações de prazer biologicamente determinadas e sanções e proibições sociais. Essa ansiedade pode dar origem a uma série de atitudes e equívocos em relação ao sexo, tanto em adolescentes como em adultos. Isso pode ser evitado se os pais encararem franca e realisticamente a curiosidade sexual da criança, respondendo corretamente às suas perguntas, sem confundir-la com informações desnecessárias.

Um outro fator que caracteriza essa fase é o aparecimento do censor moral interior. A criança sente não apenas medo de ser descoberta pelo adulto mas uma ansiedade provocada pela auto-observação e autopunição. Essa é a base ontogenética da moralidade.

Em resumo, as duas conquistas dessa fase na busca de identidade são a experimentação de novos papéis e a aquisição da consciência moral.

● *Quarto estágio: latência (produtividade versus inferioridade)*

Esse estágio compreende o período em que a criança freqüenta a escola elementar (dos 6 aos 12 anos). Em todas as culturas a criança recebe algum tipo de instrução sistemática. Em muitos casos essa instrução não é fornecida por professores e em escolas. A criança passa a ser treinada para assumir seu papel produtivo na sociedade.

Nessa etapa, o perigo para a criança consiste no desenvolvimento de um sentimento de inferioridade e de inadequação por não se sentir capaz de atingir os padrões estabelecidos pelos adultos ou pela escola. O sentimento de inferioridade pode também ser causado pelo *status* que a criança ocupa no grupo social. Ela descobre que a cor de sua pele, seus antecedentes familiares ou sua posição sócio-econômica são fatores que terão forte influência nas posições que ela ocupará mais tarde na sociedade e isso pode ser um agravante fatal no desenvolvimento de sua personalidade.

Os professores tornam-se elementos vitais nessa fase. Eles devem estar abertos para reconhecer os esforços da criança para atingir os padrões estabelecidos, bem como para estimular os mais bem-dotados. Devem ainda saber lidar com aquelas crianças para as quais a escola não é importante, mas algo que tem que ser suportado.

O fato de a maioria dos professores, em nossas escolas, ser mulheres pode causar conflito na identificação masculina do menino. Os

padrões de ordem, de limpeza, a obrigatoriedade de permanecer muito tempo parado, de ser bem-comportado, entram em conflito com os desempenhos exigidos fora da escola, que geralmente são opostos. Além disso, as atividades relacionadas ao estudo são vistas como caracteristicamente femininas.

Assim, tanto os padrões de comportamento como as atividades acadêmicas desenvolvidas na escola referem-se muito mais a padrões femininos do que masculinos.

Um outro aspecto que precisa ser considerado nas escolas é o de não tornar a criança exageradamente limitada às tarefas prescritas. O professor deve dar margem à criatividade dos alunos. No entanto, deve haver um equilíbrio entre atividades totalmente programadas e aquelas que permitem a criatividade.

No primeiro caso, a criança pode tornar-se extremamente dependente das ordens dos outros, não desenvolvendo um autodomínio nem critérios próprios de avaliação e julgamento das coisas. No segundo caso, não tendo nenhum modelo para imitar, a criança não será capaz de desenvolver qualquer tipo de padrão. Nessa idade ela não sabe ainda decidir o que é importante para ela. A única coisa que faz, quando deixada livre para tomar decisões, é envolver-se em atividades lúdicas que, na maioria das vezes, são baseadas em suas fantasias.

O sucesso no aprendizado escolar e na inserção no mundo dos adultos é muito importante no desenvolvimento da identidade, porque posteriormente isso irá determinar o motivo de competência.

● *Quinto estágio: puberdade e adolescência (identidade versus confusão de papéis)*

Para Erikson, essa é a etapa mais importante na estruturação da personalidade, pois é o momento em que ocorre a crise da identidade.

A adolescência é um nome genérico dado ao período que vai desde o começo da explosão do crescimento (crescimento físico, aparecimento dos caracteres sexuais secundários etc.) até o nascimento.

O tema central da adolescência é a descoberta de si mesmo. O jovem deve aprender a conhecer seu novo corpo, suas capacidades, seus sentimentos, a ajustar seu comportamento aos vários grupos a que pertence, como também a definir o lugar que ocupará na sociedade adulta. Isso significa uma nova arrancada para a independência. O adolescente quer mais privilégios, mais liberdade, menos restrições e menos supervisão dos adultos.

Na busca de um novo sentido de continuidade e coerência, os jovens voltam a ter os conflitos dos anos anteriores, agora acrescidos de novas exigências.

A crise de confiança básica aparece sob a forma de busca de ideais e valores que formarão seu quadro de referências interior. O jovem está

basicamente preocupado com o seu *status* no grupo de companheiros; por isso esforça-se para ser igual aos outros, comportar-se como eles e acreditar nas mesmas coisas. A inserção em um grupo dá ao adolescente sentido de identidade.

Os grupos podem ser formados a partir de gostos pessoais (música, esportes etc.), posição social da família, raça, crenças, religião etc. Geralmente os jovens são cruéis com os elementos que são diferentes ou que não acreditam nas mesmas coisas que eles.

A necessidade de autonomia, característica da segunda etapa do desenvolvimento, aparece acrescida de um novo dilema. O adolescente quer ter liberdade para decidir sobre os rumos que dará à sua vida profissional, mas tem medo de escolher atividades que o exponham ao ridículo ou que possam abalar sua auto-estima. Na maioria das vezes, ele prefere não trabalhar ou abandonar os estudos a envolver-se em uma atividade que, embora ofereça grandes perspectivas financeiras, não satisfaz suas fantasias. Ele tem aspirações que estão muito além de suas possibilidades e fantasia muito o seu futuro. Essa fantasia é uma herança da idade lúdica.

Um outro aspecto que reflete a necessidade de autonomia é a atitude do adolescente frente à autoridade dos pais. No decorrer do desenvolvimento, a criança vai se tornando cada vez mais independente dos pais, tanto física como psicologicamente. Na adolescência, esse afastamento atinge o ponto máximo.

O principal problema do adolescente é encontrar uma definição segura de si mesmo. Para isso ele deve tornar-se independente da autoridade, da responsabilidade e da possessividade de seus pais. Essa não é uma tarefa fácil para os dois lados. A relação do adolescente com sua família é marcada por sentimentos de frustração, humilhação, mau humor e ressentimento. Subjacente a esses conflitos está uma ambigüidade nas atitudes de ambos os lados. A ambivalência do jovem reside no conflito entre um *eu* ainda infantil e o desejo de agir como adulto. Ele reclama privilégios, mas acha onerosas as responsabilidades correspondentes. Quer liberdade de ação, mas tem medo do fracasso no desempenho das funções.

Os pais querem retardar a independência de seus filhos. Como eles têm consciência das fraquezas destes últimos, preferem postergar ao máximo as frustrações e insucessos decorrentes dessa independência. Eles têm dificuldade em compreender que o sucesso é resultante da experiência concreta, como também que ninguém está totalmente preparado para todas as situações que deverá enfrentar.

Além disso, para a maioria dos pais o crescimento de seus filhos é visto como ameaçador. A inserção do jovem na vida adulta terá como

consequência, para os pais, solidão e envelhecimento, que eles ainda não se sentem preparados para enfrentar.

Devemos enfatizar que os conflitos entre os adolescentes e seus pais não ocorrem nos lares que aceitam com naturalidade as mudanças. O adolescente de classe baixa está mais livre das pressões do que o de classe média. Os pais de classe baixa querem que seus filhos assumam rapidamente responsabilidades adultas, tal como a profissionalização, mesmo que isso implique a interrupção dos estudos.

Grande parte da auto-imagem do adolescente é resultante do despertar sexual e da maturação biológica. A tarefa dessa idade é dominar a sexualidade e transformar essas energias em trabalho produtivo.

No rapaz, o desejo sexual é específico e facilmente provocado por estímulos externos (palavras, gravuras) ou pensamentos. Seu desejo sexual é urgente e procura um alívio rápido da tensão. Para ele, os impulsos sexuais são bastante separados do amor. Embora quando excitado prefira uma companheira do sexo oposto, ele pode empregar a masturbação. Dada a sua confusão quanto à maneira de agir e o medo do insucesso, ele se enamora facilmente pela pessoa que o inicia sexualmente. Esse amor, entretanto, é mais uma projeção de sua necessidade de afirmação em alguém que normalmente não possui as qualidades e a perfeição que ele imagina.

Para a moça, o amor tem prioridade sobre a sexualidade. Ela se empenha em apaixonar-se em resposta à sua necessidade de auto-afirmação e de aceitação pelo grupo de companheiras. Como ela tende a formar uma identidade instável, geralmente o namorado serve de apoio na busca de si mesma. O amor é expresso freqüentemente pelo desejo de se render a alguém mais forte, por isso ela prefere namorar alguém mais velho do que rapazes de sua idade.

Erikson enfatiza que a adolescência é uma invenção cultural das sociedades industriais. À medida que as sociedades se tornam mais complexas, há a necessidade de ampliar o intervalo de tempo entre a maturidade biológica e a vida adulta.

Nas sociedades primitivas não há o conceito equivalente ao nosso de adolescência. Em algumas, a transição da meninice para a idade adulta é tão suave que nem é notada. Em outras, no final da maturidade biológica os jovens passam por um cerimonial, ao término do qual são inseridos no mundo e nas atividades dos adultos.

Embora nas sociedades industriais a adolescência tenha surgido quase por acidente, ela se tornou solidamente institucionalizada como o período em que o indivíduo não é mais uma criança, mas é ainda imaturo para assumir uma profissão ou o casamento.

Nos casos em que os jovens se sentem frustrados em suas tentativas de auto-afirmação, há uma fixação em padrões inadequados de ajusta-

mento, tais como o uso de drogas, a delinquência, a filiação a grupos com crenças ou filosofias exóticas (como os *hippies*, os *punks*, o movimento Hare Krishna, os defensores da natureza etc.). A característica desse tipo de ajustamento é que, em vez de ser uma forma transitória no desenvolvimento da identidade, torna-se definitiva.

● *Sexto estágio: idade adulta jovem (intimidade versus isolamento)*

Como já dissemos, o equilíbrio resultante da resolução da crise que caracteriza uma determinada etapa abre caminho para o aparecimento de um novo conflito. Assim, a crise da intimidade é o núcleo central dos problemas do jovem adulto.

Depois de ter definido sua identidade, o adulto está preparado para a intimidade. Erikson define a intimidade como a capacidade de estabelecer relações com outras pessoas, aceitando os sacrifícios e compromissos decorrentes. Isso se reflete tanto no trabalho quanto no amor.

O adulto que adquiriu uma sólida identidade busca a ampliação de seu horizonte social. Ele sai do confinamento do lar e se integra nos diferentes grupos que compõem sua comunidade. O sentimento de participação o encoraja para a camaradagem e solidariedade e para o desenvolvimento de valores éticos que ultrapassam a mera obediência ou dever.

O jovem adulto deve sentir-se realizado no trabalho, deve atingir o máximo de sua produtividade e aceitar as limitações à sua liberdade que a convivência em grupo impõe.

Da mesma forma, para a expressão sexual, deve buscar o companheiro ou companheira com quem tem uma relação de respeito mútuo, de entrega, com quem possa compartilhar sua individualidade e com quem possa e queira regular seu ciclo sexual. Um indivíduo adulto deveria ser capaz de atingir o clímax da relação sexual ao mesmo tempo que sua companheira. No entanto, vários fatores interferem numa relação sexual satisfatória, tais como os costumes sociais, a oportunidade e o equilíbrio emocional. Quando tais fatores interferem, ocorre uma certa dose de frustração que o indivíduo deveria ser capaz de suportar sem regressões ou fantasias. O amor não deve ser uma oposição entre macho e fêmea, ou baseado em fantasias libidinosas, mas a fusão de dois seres que se completam.

Como no amor, as relações de amizade ou as filiações grupais devem ser baseadas no respeito mútuo, na aceitação do outro, bem como na aceitação da premissa de que todo relacionamento exige algumas renúncias e compromissos.

O oposto da intimidade é o distanciamento. O indivíduo passa a se isolar, a repudiar os outros e a desenvolver sentimentos destrutivos, tais como o ódio, a inveja e o ciúme. A pessoa cerca o seu território e

não permite nada que possa interferir na sua frágil identidade. Ela teme a intimidade, por isso passa a evitar o contato com as outras pessoas. No trabalho, não permite a colaboração dos colegas, nem a troca de idéias. Seu isolamento é uma defesa, uma forma de impedir uma comparação do seu padrão de conduta e valores com o de outras pessoas e assim evitar crises na sua identidade.

● *Sétimo estágio: idade adulta (gerativo versus estagnado)*

Para Erikson, o conceito de maturidade está ligado ao sentimento de sentir-se útil, ou seja, ser necessário a alguém. Para sentir-se útil o ser humano precisa ter filhos, pois assim terá oportunidade de ensinar tudo o que aprendeu e de conduzir a nova geração na busca da maturidade. Portanto, a formação de uma família é o tema central dessa etapa.

Para Erikson, as outras formas de produção social (profissional, artística ou apoio às comunidades pobres) são uma espécie de canalização do impulso de gerar filhos. No entanto, essas formas de produtividade não podem substituir totalmente a progênie própria.

A aptidão do indivíduo para a procriação leva a uma expansão gradual dos interesses do ego e a um investimento libidinal em sua obra. Se tal investimento não for possível, poderá haver uma regressão à etapa anterior, criando uma necessidade obsessiva de pseudo-intimidade. Essa pseudo-intimidade se reflete num sentimento difuso de estagnação, tédio e empobrecimento interpessoal. Para fugir a essa estagnação, o indivíduo busca a satisfação nos filhos dos outros, considerando-os como seus próprios filhos.

Erikson enfatiza, contudo, que o mero fato de ter ou de querer ter filhos não é suficiente para promover a maturidade. Às vezes a procriação não está baseada no sentimento de sentir-se útil ou necessário, mas em desvios do desenvolvimento, tais como identificações inadequadas com seus pais, excessivo egoísmo baseado em uma personalidade formada com demasiado rigor, frustração de alguns desejos com a conseqüente possibilidade de vê-los satisfeitos nos seus filhos etc. Nesses casos, as pessoas podem ter um sentimento de estagnação semelhante àquele experienciado por quem se encontra num emprego enfadonho e pouco compensador.

Como a estagnação é o oposto da possibilidade de ser gerativo, muitas vezes as pessoas criam filhos pelo medo da estagnação. A sociedade contribui para isso, na medida em que todos os seus costumes e instituições valorizam a família.

● *Oitavo estágio: maturidade (integridade versus desesperança)*

O trabalho de Erikson possui uma perspectiva filosófica e humanista. Neste último período, essa perspectiva torna-se mais marcante.

Na velhice, a identidade toma a forma definitiva. Com a aproximação do final da vida, o indivíduo pode fazer um balanço de sua existência: dos seus fracassos e sucessos, dos bens materiais que acumulou, dos relacionamentos interpessoais que estabeleceu. Como, no passado, ele lutou para dar um sentido à sua vida e o futuro lhe reserva poucas possibilidades de mudanças, quase não tem crise de identidade.

O aspecto fundamental dessa fase é a integridade. Os atributos da integridade são: um equilíbrio emocional que permite avaliar a verdadeira proporção da ordem e significado das coisas; a consciência da relatividade dos fatos e do estilo que cada um dá à sua vida, aceitando, portanto, o fato de que a singularidade é a característica fundamental de qualquer pessoa; o amor pelas pessoas como elas são, sem nutrir nenhum desejo de mudá-las; o estar pronto a defender sua integridade das ameaças físicas ou econômicas.

A falta ou perda dessa qualidade do ego é simbolizada no temor da morte. A desesperança que toma conta das pessoas nessa situação é refletida no sentimento de que o tempo é curto demais para recomeçar a busca de formas alternativas para a estruturação da identidade.

O descontentamento por tudo e por todos oculta a desesperança. Esse descontentamento é expresso de várias maneiras, tais como o desprezo crônico por determinadas instituições ou pessoas, um desdém por tudo que tenha um significado para os outros, um descrédito total nos jovens, nas novas idéias etc.

Em resumo, para Erikson o homem é uma criatura psicossocial que se defrontará, no final da vida, com uma nova crise. Essa crise pode ser expressa pela frase: "Eu sou o que sobrevive em mim". A superação dessa crise dependerá de como foram resolvidas as sete crises anteriores.